

1

5 motivos para deixar de ser uma péssima amiga

PÉROLA

— Uma apresentação de PowerPoint, Helô? Sério? — Murcho na cadeira, o couro preto do assento grudando nas coxas.

— Não me lembro de ter exalado uma energia tão negativa quando você me convocou para aquele joguinho mequetrefê do Estrelas.

Me ergo com cuidado para não deixar cair a guitarra em meu colo.

— Mequetrefe?

— Esqueceu que a GdE fez uma live aquela noite? E eu perdi o timing perfeito de...

— Você não viu aquele gol de cobertura do Gutinho?

— Infelizmente, eu vi, sim. Bem quando eu poderia ter acompanhado as últimas novidades dos meus bebês. — Helô solta um suspiro alto. — Enfim, é pedir muito que você me escute por cinco minutos? Sem tocar nessa guitarra, por favor.

Contenho o desejo profundo de revirar os olhos e, sem dizer uma palavra, me levanto para colocar a Fender Stratocaster

de um verde-sálvia metálico no suporte entre a escrivaninha e a cama, onde minha melhor amiga está sentada em meio às almofadas, o notebook aberto no colo. Volto para a cadeira, me sento e puxo as pernas para cima, abraçando-as.

Helô invadiu meu quarto enquanto eu tirava as músicas para o último culto do ano da juventude lá da igreja (quer dizer, quebrava a cabeça para conseguir pegar o ritmo de uma delas). Teria sido bem mais simples se o ministro tivesse escolhido a versão original da música em vez de uma apresentação cheia de firulas de uma igreja famosa que ele encontrou no YouTube. Descobrir de ouvido o que eles fizeram não é tão fácil quanto ele pensa.

Helô joga por cima do ombro as tranças longas, com as pontas soltas e douradas, e pigarreia como se estivéssemos na escola. Ela aperta F5, e a foto da sua banda favorita enche a tela, seguida pelo título:

5 motivos para a Pérola deixar de ser uma péssima amiga e ir comigo ao melhor show das nossas vidas 🤔

— Não acha meio exagerado? “Melhor show da vida”?
É só mais um show da GdE33.

Helô balança a cabeça, me ignorando, e passa a página.

— Motivo um: é o show de abertura da Garagens Tour. Só esse já deveria ser suficiente pra você topar. Pelo menos por amor a mim, a amiga que sempre está aqui pra você. Aquela que foi pra um jogo do seu time do coração em plena quarta-feira. E que ficou até o final, mesmo com ele perdendo de cinco a um.

— Essa lamentação entra como motivo também? Se sim, já foram do...

— Shhh — ela me interrompe. — Vamos assistir em primeira mão às versões exclusivas que os garotos produziram, amiga. Pense em quantos conteúdos incríveis eu poderia gravar!

— Não dá pra assistir a um show sem pensar em conteúdo, Heloísa?

— E se um vídeo meu viralizar? Finalmente? Depois de tanto trabalho? — ela tagarela, sem me ouvir. — O que nos leva ao motivo número dois: como você sabe, o show vai ser aqui no Rio, então não vamos precisar nos preocupar com transporte ou hotel. E minha mãe já me garantiu que leva a gente! Eu posso preparar todos os lanchinhos para as horas na fila, a barraca e os banquinhos. Não se preocupe. E você pode me pagar o ingresso depois. Quando der.

— Hum... — Só a ideia de ficar horas debaixo do sol de janeiro, desidratando por causa de uma banda para a qual eu não dou a mínima, me dá vontade de me espreguiçar. E é o que eu faço. Um longo bocejo escapa também. — Espera. Você comprou um ingresso pra mim?

Helô dá de ombros.

— Se eu não tivesse comprado, você teria ficado sem. Os ingressos já esgotaram. *Há meses.*

— Mas e se eu não for? O que você vai fazer com ele?

— Se a minha melhor amiga não for, vou ter que recorrer à minha mãe. Ou a uma prima qualquer. — Helô limpa uma lágrima de mentira no cantinho do olho. Ela deveria fazer teatro. Sério. — Três: seu pai é o empresário da banda! — Seus dedos longos e finos dançam diante da tela onde a foto do meu pai compete espaço com as figurinhas de uma garotinha de bochechas fartas e sorriso sapeca, superfofa.

Minha reação imediata é sorrir, mas não é hora disso. *Se concentra, Pérola.*

— O tio Dante poderia nos dar acesso aos bastidores. Quem sabe aos garotos? — Helô quica sobre o colchão, por muito pouco não deixa o notebook cair. — De que adianta ter um privilégio desses e não usar? Seu pai é o empresário de uma das maiores bandas do país, Pérola! Sabe quantas garotas morrem de inveja de você?

— Você sabe que eles não dão entrevistas assim, amiga.

— Eu apostaria o GdE Squad que você conseguiria convencer o Joca — Helô fala como se o site que criou para a banda fosse a coisa mais preciosa da sua vida. — Vocês são quase irmãos!

Bufo.

— Não somos “quase irmãos”. — Faço aspas enormes no ar. — O Joca só morou com a gente por um tempo. E isso foi em outra vida.

— Só você parece ter esquecido isso. Ele vive falando nas entrevistas o quanto é grato pelo que seu pai fez por ele. Que vocês são como uma segunda família e tal.

Estalo a língua.

— O Joca fala muita coisa. — *Tipo, muuuuuita mesmo.* — O que mais você tem? Seus cinco minutos estão acabando.

Desvio a atenção para a grade, que ocupa um espaço considerável da parede de um tom suave de pistache atrás da minha cabeceira. Ali, polaroids dividem espaço com o print da minha aprovação na Aurora — Escola Superior de Cinema e Artes Visuais, uma das maiores instituições de ensino do país, e a minha nova foto favorita, tirada em frente à faculdade no dia em que fui fazer a matrícula. Em oito semanas, estarei de mudança para um studio charmoso em São Paulo.

Ainda estou surtando com a ideia de morar sozinha!

— Se você não me interrompesse tanto, eu já teria terminado. — Pelo tom, posso imaginar Helô revirando os olhos. — Quatro:

se você for comigo, eu vou a todos os jogos do Estrelas com você. Mesmo se ele estiver na zona de rebaixamento de novo.

— Vira essa boca pra lá, Heloísa. — Abaixo as pernas depressa e espanto os pensamentos intrusivos que abrem caminho pela minha mente. Não dá para brincar com isso em reta final de campeonato.

— Estou só demonstrando meu apoio, oras. E por último: eu faço qualquer coisa que você quiser e te suporto em amor até o fim dos meus dias.

— Nossa, apelou, hein?

Ela dá de ombros e muda a página mais uma vez. Agora, uma montagem de nós duas diante da arena onde vai acontecer o show enche a tela. Os rostos dos rapazes estão estampados em tudo o que ela veste e em uma bandeirinha que segura, enquanto eu uso minha camisa favorita do meu clube do coração: Estrelas da Guanabara.

Franzo o cenho, me analisando na tela por mais tempo do que deveria. O ângulo não me favoreceu muito.

— Muito obrigada pela paciência, querida melhor amiga. — Helô fecha o notebook e faz uma mesura.

— Até que eu gostei. As figurinhas ficaram ótimas.

— Obrigada. Mas não me enrola. E aí?

Me inclino na cadeira e finjo pensar. A resposta já está na ponta da língua.

Eu preferiria estar em...

— Meninas, o jantar está pronto! — A voz da minha mãe inunda o quarto e interrompe meus pensamentos. Sinto o gostinho das panquecas dela e lambo os lábios. Meu estômago dá uma cambalhota seguida por um salto carpado.

— Vamos?

— Qual é, Pérola? Você não pode ignorar os motivos quatro e cinco — Helô resmunga enquanto coloca o notebook na cama e se levanta.

— Não vou ignorar, tá? Mas eu penso melhor depois do jantar. Principalmente depois de algumas panquecas.

Deixamos meu quarto, mas não é o aroma típico delas (carne com molho branco e muito queijo) que nos abraça.

— Não era noite da panqueca? — Helô me fita com as sobrancelhas franzidas. — Parece pizza.

Assinto, meu estômago se aquietando.

Por que eu pensei que seria diferente?

Encontramos minha mãe inclinada sobre a mesa de jantar, tirando dezenas de fotos da mesa posta, que contrasta com caixas brancas de papelão.

— Arrasou na decoração, tia. — Helô toca com cuidado o guardanapo rosa-bebê que repousa em um dos pratos.

— Ah, obrigada, querida. São de uma marca parceira — mãe diz sem tirar os olhos do celular. — Vocês podem esperar só um minutinho? Preciso gravar um conteúdo de novo.

— De boa — Helô responde por nós duas.

— Cadê as panquecas, mãe?

— Hoje não deu, filha. Fiquei toda enrolada com o trabalho. De amanhã não passa, tá?

Não foi isso o que ela disse na semana passada?

Nem me dou ao trabalho de responder.

Helô e eu nos sentamos no sofá, e eu descanso a cabeça no ombro dela enquanto esperamos. Ela pesca o celular no bolso do short e, como faz na maior parte do dia, abre o perfil do Squad. Enquanto minha mãe lembra suas seguidoras da importância de uma mesa arrumada mesmo quando o jantar é uma pizza (o que acontece aqui em casa mais vezes do que ela assume na internet),

Helô visita os perfis oficiais dos garotos da banda à procura de alguma novidade. Ela logo se envolve em uma discussão nos comentários de uma postagem, em que alguém ousou dizer que a banda é superestimada, o que a faz borbulhar de raiva como uma chaleira.

Quando minha mãe finalmente termina, ocupamos nossos lugares à mesa e devoramos as fatias. Helô não demora a falar sobre a apresentação que preparou, e eu sou obrigada a ouvir as duas discutindo sobre meu gosto “peculiar” por ficar em casa durante as férias, e a falta de apoio que dou a Joca e aos garotos.

— Você é tão criativa, Helô! — mamãe a elogia.

— Obrigada, tia. Pelo menos alguém gostou do meu trabalho. — Helô me espia por cima da fatia que leva à boca, como se quisesse ter certeza de que ouvi o recado.

— Ei, eu disse que tinha ficado bom. As figurinhas são ótimas!

— Tive uma ideia — minha mãe cantarola. O sorriso largo aperta suas bochechas.

— Mãe. Não começa.

Ela se inclina em direção a Helô, me ignorando cem por cento. Como já fez inúmeras vezes.

— E se você repetisse a apresentação e eu gravasse, Heloísa? Daria um conteúdo legal, não acha? Posso postar no meu perfil e fazer uma colaboração.

— Sério, tia? — Helô solta a fatia cheia de ketchup no prato e algumas gotinhas voam no guardanapo de tecido, mas minha mãe nem liga. Tenho certeza de que já está visualizando os ângulos do vídeo e pensando em qual música em alta pode ajudar o conteúdo a viralizar.

Ela ama isso.

— Esquece, mãe — digo ao pegá-la com as sobrancelhas de um loiro-escuro arqueadas para mim. Afinal, nós duas temos um acordo.

— Seria o máximo aparecer no seu perfil, tia.

— Viu, Pérola? Nem todo mundo acha o fim do mundo ter uma “mãe blogueira” — ela diz tentando reproduzir um tom de desdém que eu já devo ter usado em algum momento.

É, mas como ela mesma me disse várias vezes, eu não sou todo mundo.

Sabe, ninguém merece ter a vida exposta na internet desde... sempre!

Imagine ter suas gracinhas disponíveis para qualquer um comentar. Aquela vez que você fez uma birra e quase foi atropelada no estacionamento do mercado, virando reflexão em post. Seu primeiro aparelho e as borrachas horrorosas. A primeira menstruação. As espinhas insistentes. O que sua mãe fez quando você bombou em matemática pela primeira vez e ficou de recuperação trimestral... Enfim. Sua vida sendo monetizada contra a sua vontade.

— Quem me dera minha mãe também fosse, tia Ozane. Mas ela mal sabe fazer um pix.

Mamãe ri e suas bochechas logo ficam rosadas. Ela ama quando encontra alguém que curte seu trabalho.

Não é como se eu não a admirasse pelo que construiu nos últimos anos. Ela foi uma pioneira nas redes sociais. Cavou seu espaço e construiu sua influência com muita dedicação. Mas ela costuma dar uma exagerada. Não desgruda do celular, quer transformar tudo em conteúdo, ama passar a vibe de família perfeita... e expõe demais.

— Vai lá pegar, vai. — Ela dá dois tapinhas suaves no braço de Helô, que, ignorando minha indisposição, pula da cadeira e corre até meu quarto. — E você, me deixe ajeitar seu cabelo.

Mamãe se levanta e, antes que eu possa fugir, suas mãos alcançam meus fios, que hoje estão bem indefinidos e armados. Eles não são lisos e loiro-escuros como os dela. Ou crespos e bem definidos como os do meu pai. Na verdade, eu sou um encontro dos dois: cabelos castanhos encaracolados, pele negra clara, olhos amendoados.

Quando seus dedos deparam com um pequeno nó, eu cerro os dentes e solto um “ai”.

— Será que a gente pode não fazer isso hoje? — Me contraio.

— Não viu o quanto a Helô ficou feliz, filha? É para ajudar sua amiga. — Mamãe junta parte do cabelo em um coque alto e deixa alguns fios caírem ao redor do meu rosto. O meu penteado favorito.

Ergo o queixo para me ver no espelho retangular acima do aparador.

— Aprovado? — Mamãe sorri para mim através dele.

— É, dá pro gasto.

Os passos de Helô ecoam pelo corredor.

O que a gente não faz por uma melhor amiga?

2

Eu avisei

JOCA

Ranjo os dentes ao perceber como nosso som ficou um desastre. Uma cacofonia.

Não sei em que mundo Samuca está, mas parece tocar outra música naquela guitarra.

Fecho os olhos por um instante. Não consigo ignorar o cansaço que corrói meus ossos. Interrompo o movimento dos dedos sobre as cordas de aço do violão.

— Pessoal! — grito no estúdio, mas minha voz é sufocada pelos instrumentos.

Beni balança a cabeça enquanto esmurra a bateria. O cabelo loiro sobe e desce, como se ele comandasse um show de rock nos anos oitenta.

Nathan erra o tempo no baixo, encolhe os ombros largos e prossegue.

Nenhum deles percebe que eu parei.

Faço um acorde fora do tom de “Coração de gelo” e insisto, até eles se desconcentrarem. Os instrumentos vão parando devagar. Olhos confusos me encontram. Não só aqui dentro, mas na sala de operações também. Atrás do vidro, Dante esfrega o vinco

entre as sobranceiras. Maqui, nossa assessora, desvia os olhos do celular, e o técnico da mesa recosta na cadeira, bocejando.

— O que foi, cara? — Beni usa a baqueta para jogar a franja para trás.

— “O que foi”? — repito ao passar a correia do violão pela cabeça. — Tá uma droga, Benício. A turnê começa em menos de um mês e isso aqui tá uma droga!

Beni arregala os olhos. Abre e fecha a boca, mas não diz nada. Tudo bem, ele quase não erra na bateria. Nathan e Samuca é que estão dando trabalho.

— Pega leve, Joca. — Nathan me censura com o olhar. — Está todo mundo cansado.

Eu sei!, tenho vontade de gritar.

Eu também estou.

Me sinto morto, embora esteja há meses me preparando para a turnê.

Meu corpo não aguenta mais os ensaios, as coreografias, os treinos constantes e a grande maratona que se tornou a publicidade da Garagens Tour. As pessoas não fazem ideia de quanto trabalho dá tirar uma turnê do papel, de como o trabalho começa muito antes do show de abertura e quantas peças precisam se encaixar para que tudo saia com a perfeição que os fãs merecem. Viver isso tudo é um sonho, claro, mas não deixa de ser exaustivo.

— Isso não deveria ser desculpa. — Me viro para colocar o violão no suporte.

— Faz horas que estamos presos aqui — Nathan continua.

Alguém abre a porta do estúdio.

— Vamos fazer uma pausa, garotos — Dante anuncia em um tom que não dá margem para negociações. — Aproveitem para jantar. Tem japonês no lounge.

— Você é o melhor, Dandan! — Beni diz, saindo com os garotos em seguida.

Ainda de costas, levo as mãos à cintura e respiro fundo.

Precisa dar certo.

Precisa ser maior e melhor do que tudo que já fizemos.

Não há outra possibilidade quando você já arriscou tudo. Quando abriu mão de tudo que possuía, por menor que fosse.

Dedos envolvem meu ombro e me encorajam a virar.

Deparo com os olhos escuros como a noite de Dante. A essa altura, ele tem mais linhas de expressão do que quando nos conhecemos, e alguns fios brancos começaram a dar as caras nas têmporas há alguns meses.

— Não ouviu o que eu disse? — Ele inclina o rosto, seus olhos atentos me esquadrinhando.

— Eu já estava indo.

— Vê se passa no banheiro e joga uma água no rosto, filho.

Assinto a contragosto.

Posso ter exagerado, mas Dante sabe mais do que eu o quanto as últimas horas de ensaio foram horríveis. Foram piores até do que os nossos primeiros ensaios após assinarmos o contrato com ele.

Dante coça o maxilar bem definido e, como não diz mais nada, eu deixo o estúdio. Passo no banheiro antes de entrar no lounge.

Me jogo no sofá de couro ao lado de Samuca equilibrando um pratinho cheio de hot roll. Como enquanto tento prestar atenção na partida de futebol na tevê. A camisa branca com detalhes em azul-marinho, pontilhados por estrelas amarelas, me faz lembrar Pérola e as noites de quarta-feira em que ficávamos acordados até tarde só para ver o Estrelas da Guanabara perder ou vencer com muito sufoco. E as broncas de Dante na manhã seguinte, quando acordávamos em cima da hora para ir à escola.

Eu costumava torcer para o time adversário só para irritá-la.

O camisa dez rouba a bola no meio de campo e com uma série de dribles chega à grande área. Sem tirar os olhos da tevê, coloco o prato vazio e os hashis na mesinha de centro e me inclino, os cotovelos apoiados nas coxas. Ele chuta, e eu só percebo como aperto os dedos contra as palmas da mão quando a bola toca a rede. *Isso.*

Sinto vontade de pegar o celular e mandar uma mensagem pra Pérola. Em vez disso, volto a relaxar, as costas grudando no encosto de couro.

Ao meu lado, Samuca não tira os olhos do smartphone. Um novo vídeo começa, e um cara de olhos claros, cabelos castanhos e um sorriso debochado, que me irrita só de olhar, enche a tela.

Por que ele perde tempo assistindo a esse tal de Isra?

Volto a cerrar os dedos e me obrigo a continuar ali, jogado no sofá, de braços cruzados. Mas a vontade de saber é mais forte, e eu roubo um dos fones de Samuca. Ele presta tanta atenção que nem se queixa, apenas inclina um pouco o celular para que eu possa ver também.

— *Que eles vêm se aproximando cada vez mais do formato de uma boy band, não é novidade pra ninguém. Mas essa nem é a pauta desse vídeo. O que eu queria perguntar pra vocês é: o que são as músicas do último EP? Esses moleques não eram crentes? Tá mais fácil encontrar agulha no palheiro do que o evangelho nessas canções. É só baby pra cá, baby pra lá.*

Samuca me encara, as sobrancelhas erguidas.

— Tem tanto baby assim?

— Relaxa, cara — digo, fingindo que estou levando tudo numa boa.

Mas os hot rolls se tornam um peso no meu estômago.

Embora eu saiba que não existe a menor possibilidade de ouvir algo positivo sobre nós, não consigo manter os olhos longe da tela.

— De verdade? Eu tô muito curioso pra essa turnê. Ela vai deixar claro qual caminho os garotos pretendem trilhar a partir de agora. E não tenho certeza se vamos gostar do que vem por aí.

É interessante como as pessoas mudam rápido de opinião na internet. Há um ano e meio, esse mesmo influenciador postou um vídeo reclamando que nossas músicas eram “religiosas demais” e jurou que elas jamais alcançariam um público não cristão. O que ele julgava um pecado, já que tínhamos o perfil ideal para fazer conexão com o público jovem.

Em um reflexo automático, giro o pulso de Samuca para me dar um panorama melhor da tela e deslizo o dedão, à procura dos comentários.

@thalial23: eles se perderam 🤔

@lu_paulo: Poxaaa! Ainda lembro da alegria que senti quando ouvi a primeira música da GdE33. Fizeram parte dos meus dias e me aproximaram do Senhor. É uma pena vê-los mudando tanto assim 😞

@mandasouza_09: eles ainda são cristãos?

@belinha: eh nada

@larissagomes: oxente, continuam sendo

@intercessoresdaGdE33: Acho que você exagerou dessa vez, Isra. É óbvio que as músicas estão menos congregacionais, mas não deixam de carregar o amor do Senhor. Tenho certeza de que essa turnê será uma bênção.

Me impeço de curtir o comentário.

A última coisa de que preciso é que alguém note a curta e isso se transforme em manchete em um desses portais de fofoca gospel. É, eles existem. E você só percebe o impacto deles quando

descobre que seu rosto ocupa mais matérias do que imaginou ser possível. Já perdi a conta de quantas vezes eles publicaram matérias falando de um suposto rompimento entre a banda ou entre mim e Ágatha, minha namorada.

@analu01: É tão fácil criticar, né? Por que não faz diferente, Isra? 🙄

@andresillva: volta pra EBD, GdE33!

Eu avisei, não é? Você é tão fraco quanto ela.

Samuca estala a língua e puxa o celular, me afastando da seção de comentários. Ele desliza o dedão na tela, até que outro vídeo chama sua atenção.

— É a Pérola? — Ele me fita, um misto de confusão e surpresa estampados em seu olhar esverdeado.

Franzo a testa.

É fácil encontrar vídeos da tia Zane por aí, mas a Pérola? É novidade.

Ela força um sorriso — tenho certeza porque seus olhos não diminuem como de costume, e ela evita a todo custo a olhar para a câmera. Pérola está acompanhada da nova melhor amiga. Eloá? Não. Elisa? Heloísa! E Heloísa comanda uma apresentação de PowerPoint.

É sobre a banda?

Um sorriso involuntário inclina meus lábios para o canto esquerdo.

— Vocês têm que ver isso. — Samuca balança o celular para os garotos.

Segundos depois, Nathan e Beni se espremem entre nós no sofá e assistimos enquanto Heloísa tenta convencer uma Pérola

irredutível a ir ao nosso show. Ela se segura para não retrucar a amiga.

Pérola quase desmancha quando Heloísa anuncia que ela é filha de Dante e tece comentários sobre como ela é sortuda e privilegiada por nos conhecer desde antes de sermos quem somos. Ela só... revira os olhos e respira fundo, extremamente desconfortável. Pérola só consegue sorrir e fazer alguns comentários que são mesmo a cara dela quando a amiga promete ir às partidas do Estrelas e se compromete a suportá-la em amor para sempre.

— Vamos comentar alguma coisa? — Nathan sugere.

— Pô, ficou legal. Por que a gente não descola uns ingressos VIPs pra elas? — Beni olha em minha direção.

— Você quer matar a Pérola?

— Ah, já está na hora de vocês esquecerem isso. — Beni bufa.

— A Pérola anda fingindo que não, mas sempre curtiu nosso som.

Samuca assente.

— A garota que suportou nossos primeiros ensaios merece estar na maior turnê da banda — Nathan conclui.

Se ela *quisesse*, seria ótimo. Mas sabemos que não é esse o caso. E Pérola só deve ter gravado esse vídeo porque foi obrigada pela mãe.

Beni salta do sofá avisando que vai falar com Dante e Maqui. E eu desmancho contra o couro.